

JORNAL: O Estado de São Paulo LOCAL: São Paulo
DATA: 21/11/1964 AUTOR: José-Augusto França
TÍTULO: "Les Peintres Célèbres"
ASSUNTO: Inclusão do Ivam na obra: "Les Peintres Célèbres"

ARTE

"Les Peintres Célèbres"

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

Novas técnicas de informação, ou o alargamento industrial de outras, estão generalizando o mundo, nisso refletindo um pensamento político-econômico diferentemente estruturado desde a última guerra (que não terá sido em vão "universal"...), e propondo-lhe possibilidades novas, de entendimento humanístico. A multiplicação das atividades artísticas, de que exposições internacionais cada vez mais frequentes nos dão conta, gera uma proliferação de publicações servindo um mercado alargado, e dele se servindo, num jogo delicado de interesses nem sempre delicados. O público as recebe, as aceita, as goza ou as sofre, nisso desenvolvendo os seus conhecimentos, sem dúvida, mas, muitas vezes também, as suas ilusões culturais. Entre o público, a publicação e a publicidade estabelecem-se um acordo nem sempre positivo: a "mass communication", com suas técnicas expressivas, atravessa e deteriora tal acordo, tornando muitas vezes "quantitativos" interesses de "qualidade", reduzindo-os para uso do "vulgo". Uma distinção mantém-se assim entre aqueles que têm jus ao uso de uma categoria e aqueles a quem outra é dada. A verdade é que um conceito moderno — democrático, digamos — de "informação" ainda não se sobrepôs estruturalmente a uma antiga atitude, aristocrática, de "divulgação".

Nesta perspectiva, raras são (e podem ser) as publicações serias que se referem ao campo das artes plásticas contemporâneas, que dele fornecem uma informação útil. Entre a enumeração de nomes (que "marchands" poderosos podem sempre provocar), e a sua classificação, segundo categorias prudentemente desenhadas conforme hábitos mentais e lugares comuns estéticos, poucas vezes se insere uma razão problemática, uma verdadeira explicação das coisas. E as monografias, com estampas e textos, têm a sua origem, quase sempre, numa promoção mercantil...

Publicar desinteressadamente obras sobre arte, é fenômeno pouco frequente, fora de certos editores especializados, ou de certas instituições culturais, oficiais ou particulares. Os centros de pesquisa não são numerosos e lutam quase sempre com apertos de orçamento, vivendo geralmente de uma ligação universitária que reduz os seus quadros a uma categoria escolar, sobrepondo-se os meios de aprendizagem técnica a fins de realização de uma obra profunda e solidamente estruturada.

Tudo é difícil neste campo da "informação" contemporânea e isso explica a falência sucessiva de obras com ambições de cobrir vastos domínios da criação artística. Escusado será dizer que tais dificuldades se acrescentam com a total falta de informação referida a certas zonas geográficas — e com o total desinteresse em que elas são tidas, em outras zonas privilegiadas. E' contra essa desigualdade de tratamento que uma obra séria tem que se elevar — para além da simples boa vontade, ou da gentileza, do seu autor. Resta saber como...

Reunir elementos informativos é tarefa ingrata: eles serão sempre de qualidade irregular, merecerão sempre um crédito diferente, e o controle da sua veracidade é raramente possível, por ser matéria altamente discutível, é claro — mas também pelo desconhecimento real em que vive o responsável da coordenação, em relação à matéria que é obrigado a controlar. Só um fichário realizado metodicamente, por equipes treinadas na obediência a certos princípios científicos de pesquisa, e um sistema de controle marginal, permitindo uma sintomatização de critérios (etc. etc...) tornará possível um dia, tais trabalhos. Até lá, tudo será empírico, e as obras realizadas, põem problemas de método antes de mais nada. E' na medida em que tais problemas se apresentam, de momento, insolúveis, que há que buscar a qualidade das obras em outros aspectos da sua realização.

A série de obras que as edições de arte de Lucien Mazenod, de Paris, têm lançado, de alguns anos a esta parte, sobre artistas do passado e do presente, caracterizam-se por qualidades apreciáveis. Se o sistema de biografias encadeadas, num compromisso entre história e enciclopédia, entre perspectiva e monografia, serve mais especialmente uma curiosidade de amador, a verdade é que os textos são entregues a especialistas que neles se aplicam, realizando, através de notícias já um tanto problemáticas, uma "informação" que, em certa medida e sob determinados aspectos, se aproxima daquela que podemos idealmente (ou cientificamente — os conceitos às vezes sobrepõem-se...) exigir. Volumes ponderosos, numa tipografia tradicional, tradicionalmente ilustrados por boas reproduções em tetracromia, articulam dezenas de artigos monográficos que, através de uma classificação proposta pelo diretor da obra, cobrem o período estudado.

O volume agora aparecido, o

terceiro da série "Pintores Célèbres", trata dos artistas cujo papel na arte ocidental foi e é relevante desde os anos 40, mais especificamente desde o pós-guerra. A escolha estende-se até aos nossos dias, a artistas revelados ou "celebrados" já no fim dos anos 50 — e o panorama completa-se assim, ao marcar, entre os mais idosos, a mudança de estrutura da arte contemporânea nascida de um novo conceito (e de uma nova experiência) espacial, de definição ambígua — e, entre os mais jovens, as propostas que nestes nossos 60 ganham corpo e consciência estética — e social também, evidentemente. Balanço, ou, pelo menos, avaliação dum período de cerca de vinte anos, a escolha realizada é com certeza discutível, nomes a mais e outros a menos — nomes que nunca se conferem, de uma apreciação para outra. Só isso legitima a seleção do organizador, que entre tantas possibilidades e hipóteses optou por uma, tal como eu teria optado por outra, e outrem por uma terceira... e sempre o crítico achará uns

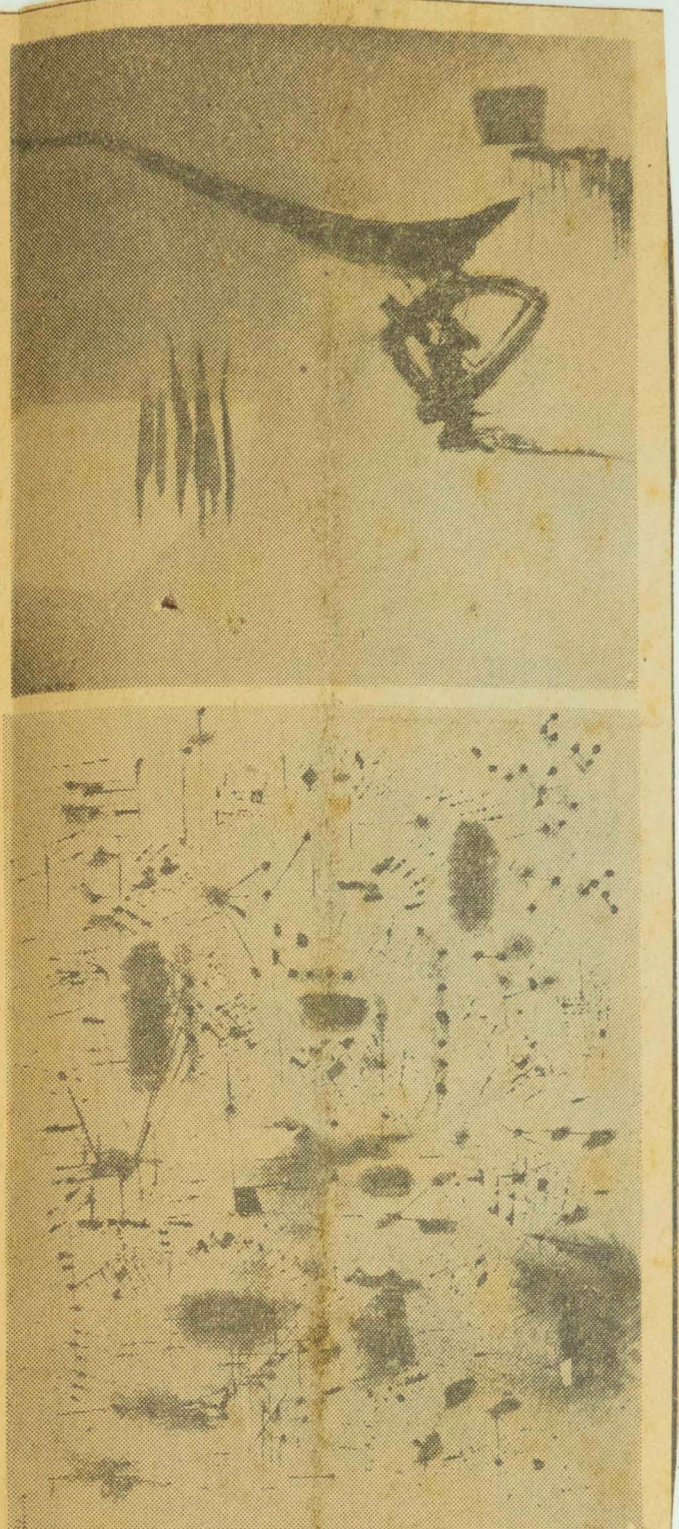
O organizador do volume foi Bernard Dorival, conservador do Museu de Arte Moderna de Paris que no seu trabalho pôs um gosto e um tato que caracterizam, umas vezes positivamente e outras negativamente, o próprio museu, e as suas escolhas. Nesta obra, porém, e felizmente, Dorival ultrapassou os limites da "Escola de Paris", e, indo até outros domínios e outros centros culturais, atingiu uma louvável proporção superior a cinquenta por cento de nomes italianos, ingleses, alemães, americanos e outros. Ajustá-los numa classificação por gêneros, foi outra das intenções do autor, que se limitou, com uma cautela aceitável (e bem que dotando pouca imaginação taxinômica), a dividi-los em "figurativos" e não,

abrindo-se no segundo caso a uma subdivisão de "tradição de subjetivismo" um tanto vaga. Mas os autores dos textos chamam-se P. Francastel, W. Grohman, W. Hofmann, U. Apollonio, J. Cassou, G. Diehl, H. Read, garantia bastante do seu acerto. Um "repertório de pintores contemporâneos", posto ao fim da obra, engloba, por nacionalidades, muitas dezenas de nomes menos notórios dentro desta "celebridade" que o título do volume afixa: notas biográficas e críticas, reproduções e retratos de alguns, completam assim a panorâmica, propondo um fichário certamente útil.

Gaston Diehl encarregou-se da parte brasileira do "repertório" final, incluindo nele três artistas da geração anterior: Volpi, Di Cavalcanti e Portinari, e mais uns tantos contemporâneos, a começar por Cícero Dias, Iberê Camargo, Milton Dacosta, Inimá de Paula, Lygia Clark, Bandeira, Yvan Serpa, Manabu Mabe, Lôio Peres, Antonio Prado, Teresa Nicolau constituem o grupo escolhido — com notáveis ausências (Maria Leontina, Dianira, Di Prete, Flexor, Y. Mohaly...), às quais se juntam (de maneira aliás incompreensível, só atribuível a descuido editorial) as de artistas trabalhando em Paris, como Krajeberg, Flavio Shiro e Piza, ou algures, como Mavignier, que importa assinalar.

*

Inst:mento de trabalho considerável, obra seria com certeza, e bem acima de outras congêneres, devemos ser justos e saber que as faltas apontadas poderiam ter tido remédio num outro sistema de edição e de pesquisa. Tal como se sugere ao princípio deste artigo...



Telas de Manabu Mabe e de Antonio Bandeira, pintores brasileiros cujas obras figuram no último volume de "Les Peintres Célèbres".

instituição de arte contemporânea